

ESTÊNCIL E SERIGRAFIA: OS USOS TRADICIONAIS E ARTÍSTICOS DA TÉCNICA DE MOLDE VAZADO

*ESTARCIDO Y SERIGRAFÍA: LOS USOS TRADICIONALES Y ARTÍSTICOS DE LA
TÉCNICA DE MOLDE VAZADO**

Joana Schneider

Mestranda em Artes Visuais/Universidade Federal de Pelotas
joana.sch@hotmail.com

Helene Gomes Sacco

Doutora em Artes Visuais/Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Professora Titular/Universidade Federal de Pelotas
sacco.h@gmail.com

RESUMO

Partindo da minha pesquisa de mestrado que explora técnicas de reprodução de imagens, este trabalho aborda o surgimento e os usos do molde vazado, fazendo um apanhado histórico desde a estamperia em tecido e os outros usos mais tradicionais desta técnica até a sua inserção no campo das artes visuais. O molde vazado, enquanto matriz, permite a rapidez na impressão, a cópia, a repetição, a criação de padrões, o que possibilitou aos artistas novos tipos de fazeres e abordagens. Por isso, o estêncil, que é uma técnica de molde vazado extremamente antiga e tem seus primeiros indícios encontrados na decoração de tecido, sobreviveu ao tempo e ainda hoje é amplamente utilizado com finalidade artística - como é o caso do uso de estêncil na arte de rua de Banksy. A serigrafia, bem mais recente, deriva do estêncil e, assim que se popularizou, foi além da sua finalidade utilitária e adentrou no fazer artístico – tendo como principal expoente o artista pop Andy Warhol. Sendo assim, este trabalho pretende, a partir de dados históricos, referenciais teóricos e a apresentação de artistas, reunir informações acerca do estêncil e da serigrafia, técnicas tradicionais que ainda se fazem muito presentes na produção artística contemporânea.

Palavras-chave: Estêncil. Serigrafia. Fazeres tradicionais. História. Arte.

RESUMEN

A partir de mi investigación para maestría que explora las técnicas de reproducción de imágenes, este trabajo aborda el surgimiento y los usos del *molde vazado*, creando un recogido histórico desde la impresión en telas y otros usos más tradicionales de esta técnica hasta su inserción en el campo de las Artes Visuales. El *molde vazado* como matriz, permite una impresión, copia, repetición y creación de patrones rápidas, lo que ha permitido a los artistas crear nuevos tipos de labores y enfoques. Por esta razón, el estarcido, que es una técnica de aplicación de tinta o color que se transmite al soporte a través de las partes vaciadas o en hueco es extremadamente antigua y tiene sus primeras pistas encontradas en la decoración de telas, ha sobrevivido al tiempo y todavía se usa ampliamente con fines artísticos en la actualidad, como es el caso de la utilización del estarcido en el arte callejera de Banksy. La serigrafía, mucho más reciente, viene del estarcido y, una vez que se popularizó, fue más allá de su propósito utilitario y se adentró en el labor artístico – teniendo como el principal exponente el artista pop Andy Warhol. Así siendo, este trabajo tiene como pretensión, a partir de datos históricos, referencias teóricas y la presentación de artistas, recopilar información sobre el estarcido y la serigrafía, técnicas tradicionales que aún están muy presentes en la producción artística contemporánea.

Palabras clave: Estarcido. Serigrafía. Técnicas tradicionales. Historia. Art.

*Autora manteve a expressão *Molde Vazado* em português por não encontrar um termo específico para traduzir o significado desta técnica.

Introdução

Este trabalho foi desenvolvido junto ao mestrado do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, da Universidade Federal de Pelotas. Partindo da minha produção artística e da pesquisa poético teórica que explora técnicas de reprodução de imagens, este trabalho aborda o surgimento do molde vazado e o desenvolvimento histórico das técnicas de estêncil e serigrafia, fazendo um apanhado dos usos mais tradicionais destas técnicas e da sua inserção no campo das artes visuais.

O interesse pessoal pelo estêncil e pela serigrafia está diretamente relacionado ao caráter de molde destas técnicas, matriz que possibilita a cópia, a repetição, a criação de padrões. Iniciei minhas experimentações nas artes impressas utilizando o estêncil para a criação de estampas em tecidos, uma forma bastante tradicional e antiga de uso desta técnica. Depois conheci a serigrafia, que facilitou ainda mais a impressão e permitiu a produção de grandes quantidades de tecido estampado. Mais tarde, fazendo um diálogo com os ambientes domésticos, os tecidos estampados tornaram-se forração para as paredes, levando as artes impressas para o espaço, possibilitando, assim, a criação de instalações. Trouxe como exemplo do meu processo de impressão em estêncil e serigrafia a obra *Maria Cristina*, de 2017, instalação que faz uso dos objetos para criar uma narrativa, recria um ambiente doméstico e utiliza tecido estampado como papel de parede (Figura 1).



Figura 1: Processo de impressão de tecido e instalação *Maria Cristina*, 2017. Fonte: Acervo pessoal.

A possibilidade de cópia, a rapidez na impressão e a criação de padrões foram justamente as potencialidades que atraíram os artistas, fazendo com que o estêncil e a serigrafia fossem amplamente explorados no campo das artes visuais ao longo do Século XX até os dias atuais. Assim sendo, além de lançar um olhar sobre o surgimento destas técnicas por meio de referenciais teóricos, este trabalho também tem o objetivo de colocar em evidência artistas que adotam o estêncil e a serigrafia nas suas produções, demonstrando os usos e a relevância destas técnicas na história da arte e na produção de arte contemporânea.

Um olhar sobre o surgimento e os usos tradicionais do estêncil e da serigrafia

Molde vazado é uma técnica de impressão extremamente antiga que consiste no uso de uma superfície que em algumas partes impede e em outras partes permite a passagem do pigmento. Ou seja, ao aplicar a tinta sobre um molde vazado, a impressão se dará na parte aberta, onde ele está vazado, no restante do molde a tinta será barrada. Podemos considerar que os primeiros indícios desta técnica estão nas paredes das cavernas, junto com as pinturas rupestres. No sítio arqueológico *Cueva de las Manos*, localizado na região da Patagônia, na Província de Santa Cruz, na Argentina, podemos observar as mãos que foram utilizadas como molde vazado há aproximadamente 9000 anos. Segundo o manual *En Tus Manos... Cueva de las Manos*, o nome deste sítio se deve a presença de mais de 2000 negativos de mão encontrados nas suas paredes rochosas. Estes desenhos denominados *mãos em negativo* eram produzidos a partir de pigmentos naturais coloridos espalhados sobre as mãos humanas espalmadas sobre as paredes das cavernas. Ou seja, as mãos usadas como moldes barravam a passagem da tinta imprimindo, assim, a silhueta das mãos como um filme em negativo. Na *Cueva de las Manos* é possível observar o uso das mãos como matriz e há a repetição, impressão de várias mãos que formam uma espécie de estampa sobre a parede rochosa. (Figura 2).



Figura 2: Mãos estampadas em *Cuevas de las Manos*, Argentina. Fonte: www.cuevadelasmanos.org

Estêncil é um tipo de molde vazado onde a figura é criada a partir do corte em uma superfície plana. Foi “Desenvolvido por chineses e japoneses entre 500 e 1500 a.C, quando eles transferiam imagens para os tecidos usando pigmentos naturais.” (RESENDE, 2000, p. 237). Os tecidos japoneses são os registros mais antigos do uso desta técnica e há indicativos que os egípcios também usavam esses moldes para estampar linho. A invenção do papel, na China, no ano 105 d.C., possibilitou a produção de desenhos mais detalhados visto que o papel permitia um corte mais preciso do que os materiais utilizados anteriormente que eram provenientes da própria natureza, como folhas e cascas. No Japão aparecem os primeiros indícios de telas feitas de fios de cabelos humanos trançados e as máscaras que vedavam a passagem da tinta eram feitas com folhas de árvores e papéis, técnica que já indicava, mesmo que de forma muito rudimentar, os princípios básicos da serigrafia. No final do século XIX, surge na França o *pochoir* (molde vazado), no entanto, a técnica só foi patenteada em 1907, na Inglaterra por Samuel Simon e o termo se tornou mais conhecido em inglês, *stencil*, sendo amplamente utilizado no Século XX.

No livro *The art of stencilling*, Lyn Le Grice coloca que o estêncil, facilmente reconhecido por suas divisões estruturais, é encontrado em diversos usos, formas e contextos e isso indica a capacidade de resiliência de um método que, apesar de ter sido por longos anos subestimado em relação a outras técnicas – o que, inclusive prejudicou a preservação dos indícios do seu largo uso – resistiu a passagem do tempo e ainda sobrevive. A autora classifica o estêncil como uma arte tradicional e identifica o seu uso na estamparia em tecido, decoração de paredes (traz exemplos de murais em igrejas e castelos medievais) e mobília (Figura 3). Ela também fala sobre o aspecto utilitário do estêncil, usado como ferramenta do cotidiano das

peças comuns e até na indústria – placas de estacionamento ou garagem e aviso de frágil escrito nas caixas de madeira com letras de estêncil são bons exemplos dessa forma de uso.



Figura 3: Quimono do Século XIX; Painel no Castelo de Colchester, na Inglaterra; Parede e cadeira em um quarto do Museu Americano, na Inglaterra. Fonte: figuras retiradas do livro *The art of stencilling*, de Lyn Le Grice. 1987.

A serigrafia, bem mais recente, é uma técnica de molde vazado desenvolvida a partir do estêncil e que, por não depender do corte, permite a impressão de figuras muito mais detalhadas. A palavra serigrafia tem origem da junção do termo *sericum* (que em latim significa seda) e *graphia* (que em grego significa desenhar e/ou gravar), essa denominação se deve ao uso de uma tela na qual um tecido (originalmente a seda produzida na Ásia, atualmente o nylon) é esticado e, através de um processo fotossensibilizante, é gravado e impermeabilizado nas áreas onde deseja-se barrar a tinta para, assim, formar a figura. No início do Século XX a técnica começa a ganhar relevância, em 1915 foi registrada a primeira patente nos Estados Unidos, a impressão serigráfica começa a se popularizar na indústria de móveis e papéis de parede “e tem como característica a precisão na mancha impressa e cores chapadas” (RESENDE, 2000, p. 237). Contudo, a Segunda Guerra Mundial que efetivamente foi o grande marco para a difusão da técnica, pois a serigrafia foi muito utilizada pelos norte-americanos na impressão de uniformes e material bélico, inclusive na fuselagem dos aviões, provocando a visibilidade em larga escala e o interesse pela técnica que se popularizou em seus usos práticos e industriais e, logo depois, adentrou no fazer artístico. Por isso, como no caso do estêncil, a técnica também se tornou mais conhecida pelo termo em inglês *Silk-Sreen* (tela de seda).

Usos artísticos do estêncil e da serigrafia

Para demonstrar os usos artísticos das técnicas de estêncil e de serigrafia, trouxe obras dos artistas Banksy, Mônica Nador, Andy Warhol, Cláudio Tozzi e Robert Gober. Estes artistas foram selecionados em função da técnica utilizada, as questões políticas e sociais abordadas e

também o interesse pela repetição e criação de padrões. Andy Warhol, principal expoente da serigrafia, é o único que já o morreu, os outros continuam em atividade e produzindo arte. Começo por Banksy, que é, sem dúvidas, o principal nome da atualidade relacionado ao uso artístico da técnica de estêncil.

Banksy é um artista de rua britânico, de identidade desconhecida, que usa o estêncil para produzir grafites com forte caráter de denúncia. Suas obras, inconfundíveis, escancaram as mazelas da cidade e tratam de maneira irreverente questões como o consumismo, a violência, o preconceito, a hipocrisia política e social. O artista faz excursões e fica temporadas grafitando em diversos locais, assim, suas obras estão espalhadas pelo mundo todo: Inglaterra, França, Áustria, Estados Unidos, Austrália, Palestina, entre outros. Banksy usa a cidade como galeria e, em *Guerra e Spray*, declara que “a parede é a arma escolhida para revidar” (Banksy, 2012, p.8). Ele ainda coloca que “As pessoas que mandam nas cidades não entendem o grafite porque acham que nada tem o direito de existir se não gerar lucro, o que torna a opinião delas desprezível.” (BANKSY, 2012, p.8). Recentemente, ele iniciou em Paris uma série de trabalhos que tratam sobre a crise de refugiados e sobre a dura política de imigração francesa. Em um dos grafites desta série, aparece uma criança negra com uma lata de *spray* na mão, ele está imprimindo uma estampa de repetição com a qual tenta cobrir uma suástica enorme. Nos pés do menino, há um saco de dormir e um ursinho de pelúcia (Figura 4).



Figura 4: Obra da série sobre refugiados. Banksy. Paris, 2018. Fonte: <https://www.banksy.co.uk>

Este trabalho de Banksy, além de exemplificar com maestria as possibilidades da técnica de estêncil, deixa clara a preocupação do artista em criar uma arte crítica e ativista, que está impregnada de valor social e que se relaciona diretamente com amargas questões da atualidade, como as duras políticas de imigração e as manifestações neonazistas cada vez mais frequentes na Europa e no mundo. Mônica Nador, artista brasileira, também tem a preocupação de utilizar a arte com finalidade social. No seu projeto *Paredes Pinturas* (Figura 5), usando a técnica de estêncil com motivos similares ao usado por Banksy para esconder a suástica, a artista desenvolve grandes murais em comunidades carentes, onde ela promove oficinas colaborativas nas quais ensina a técnica para os moradores e, com a ajuda dos mesmos, pinta fachadas de casas. Os motivos decorativos são escolhidos pelos próprios moradores, com os quais Mônica estabelece vínculos de afeto e amizade. Mônica, aos poucos, vai se inserindo no cotidiano da periferia e, por fim, a artista se muda para a comunidade Jardim Miriam, em São Paulo. Lá é fundado o JAMAC – Jardim Miriam Arte Clube, onde há oficinas e, ultrapassando os muros, o projeto se estende para a criação de estampas em tecido e roupas pela própria comunidade. Por este projeto que leva cor e conhecimento de técnicas artísticas para a periferia - trabalhando, assim, a identidade, a autoestima e os vínculos afetivos da comunidade - a artista Mônica Nador se tornou referência em ação coletiva que junta arte e ativismo social.



Figura 5: Murais no Jardim Miriam, São Paulo. Fonte: www.ufrgs.br

Para tratar de arte e serigrafia é imprescindível falar sobre Andy Warhol, artista pop que usou a técnica para executar seus trabalhos seriados. A serigrafia foi amplamente utilizada pela Arte Pop, “atendendo à visualidade do movimento, baseada principalmente nos meios de propaganda da comunicação de massa” (RESENDE, 2000, p. 237). Depois da Segunda Guerra, a América do Norte passava pelo sonho americano, com o boom do consumo. A publicidade de massa e o design de produtos foram cruciais para tornar as mercadorias mais atraentes. Neste contexto, a Arte Pop foi o movimento artístico que abraçou, ao mesmo tempo, as tecnologias de reprodução, a sedução do objeto e a cultura de massa. A cultura pop é cultura de massa, o ambiente consumista e sua mentalidade: a efervescência das grandes metrópoles, a vida urbana, a publicidade, os produtos, o design, os ídolos do cinema, as personagens das revistas em quadrinho, os artigos de moda e a repetição incessante de todos estes elementos.

É desta repetição frenética que Andy Warhol se apropria em suas obras. Em seu ateliê, The Factory (A Fábrica), Warhol fazia grandes e inúmeras serigrafias. Em sua obra *Latas de sopa Campbell's* (Figura 6), Warhol imprime em serigrafia embalagens de sopa, produto de uso cotidiano doméstico. Ao tirar o objeto de seu contexto original, o artista destaca o mesmo, enfatizando o impacto visual dos produtos na sociedade de consumo.



Figura 6: Latas de sopa Campbell's. Andy Warhol 1962. Fonte: www.moma.org

Warhol era fascinado pelas massas e entendia as especificidades de seu tempo, ele enxergava os modos de produção e de consumo e explorava em seus trabalhos a sedução e a violência da sociedade que habitava. Ter um emprego, uma família, um carro, uma casa e eletrodomésticos na cozinha, era o ideal de modo de vida americano e Warhol, ao se apropriar das tragédias cotidianas que enchiam os jornais, coloca em xeque essa ilusão de felicidade. A série de acidentes de carro produzida por Warhol é “o símbolo máximo de uma cultura produzindo mortes anônimas” (GIANNOTTI, 2009, p.72). A morte aparece novamente na série Cadeira Elétrica (Figura 7), de 1963. Neste sentido, Giannotti aponta a sociedade em crise na qual a Arte Pop se constrói, pois “a realidade para Warhol é sempre traumática e a repetição obsessiva da imagem indica uma realidade que não pode ser representada, apenas repetida” (GIANNOTTI, 2009, p.70).



Figura 7: Cadeira elétrica. Andy Warhol, 1963. Fonte: www.moma.org

Cláudio Tozzi é um artista brasileiro que em suas primeiras obras fez uso da serigrafia e teve grande influência da Arte Pop. Assim como Andy Warhol, Tozzi usa símbolos da sociedade de consumo na forma de imagens ou objetos. O artista “utiliza sinais de trânsito, bandeiras, letreiros, peças publicitárias e histórias em quadrinhos, retira-os de seu contexto e atribui-lhes novos sentidos” (Itaú Cultural, 2019). Em seus trabalhos observa-se um forte caráter urbano, político e social e uma de suas obras mais famosas é o painel *Guevara, vivo ou morto...* (Figura 8) destruído a machadadas por manifestantes de extrema direita ao ser exposto no Salão Nacional de Arte Contemporânea de 1967, em São Paulo.



Figura 8: Guevara, vivo ou morto... Cláudio Tozzi. 1967. Fonte: www.encyclopedia.itaucultural.org.br

Durante as manifestações de 1968, o artista produzia suas serigrafias de protesto, colava as mesmas pelos muros da cidade e era voz ativa nas passeatas contra a ditadura. Sua obra *Multidão* (Figura 9) é produzida a partir de retratos em branco e preto que tirou nas manifestações da época.



Figura 9: Multidão. Cláudio Tozzi. 1972. Fonte: www.encyclopedia.itaucultural.org.br

Por fim, o escultor norte americano Robert Gober usa a serigrafia para criar padrões nos papéis de parede que usa em suas instalações. Em seus trabalhos ele associa papel de parede a elementos tridimensionais, esculturas de objetos domésticos, para tratar de temas fortes como religião, política e sexualidade. As esculturas são meticulosamente artesanais, mesmo quando parecem ser apenas uma apropriação de um objeto qualquer. O artista constrói esculturas que

remetem a objetos do cotidiano, objetos estes que são ressignificados no contexto crítico de suas obras. É o que o artista faz com um vestido de noiva nesta instalação de 1989 (Figura 10).



Figura 10: Instalação com vestido de noiva. Robert Gober, 1989. Fonte: www.moma.org

Uma sala revestida de papel de parede e, ao centro, a escultura de um vestido que remonta a outros tempos. Gober reproduz desenhos várias vezes sobre papel até criar texturas. Estas texturas, vistas de longe, parecem inofensivas, porém, ao serem observadas de perto, passam mensagens poderosas. Ao aproximar-se, é possível identificar os detalhes do motivo: um homem negro pendurado, enforcado em um galho de árvore, enquanto um homem branco dorme tranquilamente sob as cobertas (Figura 11). Justapondo cenas de violência e passividade, o papel de parede escancara a história perturbadora sob a qual a América é construída e coloca o papel central da raça no tecido social dos Estados Unidos.



Figura 11: Homem enforcado/Homem dormindo. Robert Gober, 1989. Fonte: www.moma.org

Considerações Finais

Após fazer este panorama do surgimento e dos usos do estêncil e da serigrafia, fica evidente a capacidade das técnicas tradicionais de resistir ao tempo. Apesar das muitas tecnologias de impressão desenvolvidas nos últimos anos, estas duas técnicas antigas e manuais continuam sendo utilizadas tanto para fins práticos como para fins artísticos. O estêncil, método milenar, foi escolhido, entre tantas possibilidades, para a criação da arte urbana de Banksy e de Mônica Nador, sendo extremamente eficaz na missão de transmitir as mensagens de protesto de Banksy pelo mundo e de decorar as ruas da periferia de São Paulo com Mônica e seus vizinhos moradores da comunidade. Analisando as obras de Warhol, Tozzi e Gober, fica claro o interesse dos três artistas pela cópia e pela repetição, aspecto que conversa com o contexto social em que a serigrafia se popularizou e que os artistas, principalmente Warhol e Tozzi, estavam produzindo. Cabe salientar o uso político e social destas técnicas em todos os artistas apresentados. Cada um à sua maneira, fez uma leitura de seu tempo e transformou a arte - além de um retrato da sociedade - em um espaço de luta, ressignificação e de denúncia.

REFERÊNCIAS

ARTE Pop. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <[http:// enciclopedia.itaucultural.org.br/termo367/arte-pop](http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo367/arte-pop)>. Acesso em: 28 de Nov. 2018.

BANKSY. **Guerra e spray**. Tradução: Rogério Durst. Intrínseca: Rio de Janeiro, 2012.

CLAUDIO Tozzi. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8528/claudio-tozzi>>. Acesso em: 25 de Set. 2019

Cueva de las Manos Official Website. Disponível em: <<http://www.cuevadelasmanos.org/>>. Acesso em: 27/10/19.

GIANNOTTI, Marco. **Breve história da pintura contemporânea**. São Paulo: Claridade, 2009.

GRICE, Lyn Le. **The art of stencilling**. Clarkson N. Potter: New York, 1987.

Jornal da USP. **Arte de Claudio Tozzi pulsa há 50 anos no ritmo da metrópole**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/arte-de-claudio-tozzi-pulsa-ha-50-anos-no-ritmo-da-metropole/>. Acesso em: 27/10/2019.

MÔNICA Nador. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8539/monica-nador>>. Acesso em: 25 de Set. 2019.

RESENDE, Ricardo. **Os Desdobramentos da Gravura Contemporânea**. In: Gravura Brasileira. São Paulo: Cosac & Naify/ Itaú Cultural, 2000.

STANGOS, Nikos (org). **Conceitos da arte moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.